

ENTRE LENGUAS

SANS TITRE - MARTIN REYNA - 2006

A estratégia autística e a transferencia

María Rachel Botrel &

>>Psicóloga, Membro da EBP-MG

Susana Faleiro Barroso

>>Psicóloga, Prof. Faculdade de Psicologia, Puc-Minas,
Membro da EBP-MG

82

Em seus testemunhos, os autistas revelam o quanto não são partidários da solidão, embora também demonstrem o quanto lhes faltam os recursos para superá-la. O que verificamos é que qualquer inserção do autista no campo do Outro supõe o recurso à defesa autística, que estrategicamente, visa anular o Outro. Nossa hipótese é de que a condição fundamental da transferência do sujeito autista implica a permeabilidade de sua borda defensiva. É a partir de sua base-cápsula-borda que o sujeito poderá inventar e ampliar suas conexões com o Outro, sem que isso o devaste.

Encontramos no autismo as manifestações clínicas do uso do Um, a saber, o retraimento, a profunda solidão, a mesmice, a iteração, a vontade suprema de imutabilidade. Antonio Di Ciaccia definiu a especificidade do trabalho do autista diferente do trabalho do psicótico: “a criança autista é alguém que trabalha para se defender do Um-sozinho” (CIACCIA, 2005, p. 36). Ao defender-se do gozo o autista engaja-se em uma dupla operação de autodefesa e de autoconstrução. Na operação de autodefesa o sujeito anula o Outro, visto que o significante nesse caso não serve de obstáculo ao excesso de gozo, ao contrário é um meio de gozo. Na operação de autoconstrução o sujeito autista se serve dos signos para se instalar na existência.

Há três pilares interdependentes que fundam a estrutura autística, a saber, a retenção dos objetos pulsionais, a prevalência do signo e o aparelhamento do gozo a uma borda. A borda autística implica a singularidade da defesa autística contra a angústia que o encontro com o Outro não esvaziado de gozo desperta. A construção de uma borda permite circunscrever o gozo. O franqueamento da borda implica uma cessão de objeto, isto é, uma cessão do excedente de gozo capaz de deslocar o limite da borda autística. Esse deslocamento é correlato de uma inserção do sujeito no campo do Outro. Segundo Maleval, “a maior parte dos autistas que está em posição de relatar uma saída subjetivada do retraimento autístico, e não tão somente uma adaptação social superficial testemunha um percurso que passa pela complexificação de sua borda, lugar de suas afinidades, produzida pelas mutações ou pelas derivações, indo por vezes até seu apagamento” (MALEVAL, 2015, p. 136). A borda autística, também chamada *neoborda*, é composta pelo obje-

to autístico, pelo duplo e pelas ilhas de competência ou interesses específicos.

O objeto autístico, tal como Laurent o definiu em seu livro “A batalha do autismo” (2014) implica o acomodamento dos restos, dos dejetos, deixados pelo encontro com o Outro da língua que vem perturbar o corpo, seja qual for o substrato biológico do funcionamento ou da disfunção de tal corpo. O objeto é uma cadeia heterogênea, feita de coisas descontínuas (letras, pedaços de corpo, objeto tirados do mundo, etc.), organizada como um circuito, munida de uma topologia de borda e articulada ao corpo.

A maioria dos autistas tem um objeto do qual, muitas vezes, não se separam. Ele pode ser parte do corpo do sujeito ou parte do mundo exterior, mas, de todo modo, constitui apêndices do corpo. Serve de apoio alienante compensando o problema da falha da alienação ao discurso do Outro. Os objetos autísticos são objetos fora do corpo, mas que fazem borda com o corpo e implicam o retorno do gozo sobre essa borda. Eles têm a maior importância para o sujeito na promoção da montagem do corpo pulsional e na abertura à socialização. “O corpo do sujeito mantém com ele uma relação de re-localização incessante, uma tentativa de situar-se, seja apegando-se a ele, seja rechaçando-o” (LAURENT, É., 2007, p.30). O objeto autístico assume uma função decisiva para o sujeito, no tanto que ele viabiliza alguma regulação da economia de gozo a despeito da não inscrição da função fálica do gozo. Segundo J. C. Maleval, a complexificação da borda autística depende da possível articulação do objeto autístico ao Outro de síntese e de sua participação numa ilha de competência. Tudo isso corrobora com a manutenção da imutabilidade assegurada pela relação do sujeito com os signos. O Outro de síntese aberto ancora-se na língua do Outro reduzida a signos desligados do gozo, permitindo uma comunicação sem afetos e oferecendo perspectivas para a socialização. Com seu objeto sob controle, o autista capta o gozo, coloca em cena uma proteção do desejo do Outro e demonstra sua estratégia de compor com a falta no Outro sem passar pela fantasia neurótica, pelo fetiche perverso ou o delírio psicótico.

O duplo constitui um ponto paradoxal do trata-

mento do gozo pelo autista. Se de um lado tem função estruturante, embora com toda precariedade da dependência que implica; por outro lado, a perda do duplo quase sempre leva a um *laisser-tomber* o corpo. Sem o duplo o gozo retorna no real do corpo do sujeito autista à maneira do que se passa com o esquizofrênico. O duplo, como uma imagem real, vem no lugar onde se presentificaria a falta no Outro e pode constituir uma via privilegiada para o vínculo com o outro. Assume grande importância na estrutura autística, pois pode potencializar avanços e conquistas do autista do ponto de vista da comunicação, da educação e da socialização. O autista se serve do duplo para sair do seu isolamento em direção ao meio social, sem, no entanto, deixar sua posição autista, pois conectado ao duplo sente-se protegido das trocas com o Outro. É o lugar concedido ao adulto ou mesmo à outra criança que se encontra por perto, uma espécie de outro à mão. O autista pode amar seu duplo como a si mesmo, pois por meio deste ordena sua realidade, promove uma conexão libidinal ao corpo do outro, o que lhe confere um corpo. A lógica do duplo se ancora no significante sozinho, o significante no real.

É preciso, portanto, que o psicanalista esteja advertido quanto à relação original do autista com a linguagem, com os objetos e com o duplo para acolher a transferência possível na clínica do autismo e para se orientar quanto ao seu manejo. A transferência está associada às estratégias da defesa autística contra o real devastador. Dessa maneira, o analista como parceiro do autista faz parte de sua defesa. É um aliado do autista no seu trabalho de defender-se do Um-sozinho. Somente incluído na defesa autística o analista poderá promover um encontro que não desperte no autista uma angústia avassaladora que, pelo contrário, sustente a evolução de sua borda, dinamizando suas invenções.

É o que o caso de Emanuel demonstra após dez anos de tratamento psicanalítico iniciado aos doze anos de idade. “Meus pais não entendem a minha língua: Eles falam com linguagem e conceitos da década de 80. Para conversar comigo precisam chegar ao século XXI. Mas eles não vão chegar, então nunca vamos nos comunicar”. Situar estas duas linguagens - a sua e de seus pais- é uma tentativa de organizar algo que se impunha de forma violenta sobre Emanuel e o conduziu, várias vezes, a tentati-

vas de suicídio. Por mais que esta localização trouxesse certo apaziguamento, ela produzia um mundo inacessível ao outro. Emanuel circunscreveu os efeitos sobre seu corpo do encontro com esta linguagem dos anos 80, que por possuir “conceitos rígidos” não deixava espaço para o seu modo de viver a vida, fazendo dele “um anormal”. Em situações cotidianas onde ele não conseguia entender o que lhe estava sendo dito ou perguntado, ele recorria, então, a analista para que ela o localize neste espaço de trocas, tão complexo para ele. A partir da presença da analista uma tradução vai sendo possível permitindo que esta linguagem se tornasse suportável. Ele se ancora em dois elementos de borda - a analista como tradutora e dois objetos, que foram eleitos em sua infância, o piano e a sinuca. A partir do uso singular que Emanuel faz da linguagem e da presença do analista como um duplo, ele pode traduzir a linguagem dos anos 80 e ampliar o uso dos seus objetos produzindo alguns intercâmbios sociais.

Constrói uma tática: “defender para depois jogar”. Esta flexibilização da linguagem “rígida” possibilita que ele entre em um campeonato de Sinuca e participe de algumas apresentações de piano. Durante uma apresentação de piano ele suporta tocar uma música, que não estava programada, a pedido do público. Diz que “era uma voz fora, baixinha, então toquei”. O piano lhe permitiu a partir desta apresentação localizar a voz como objeto. Um objeto fora, baixo que não era excessivo.

Em várias situações ele se esforça para dizer ao outro qual a proximidade suportável para ele. Em uma destas tentativas ele produz um texto. O piano lhe permite escutar sua voz de uma nova maneira e então ele pede que seu texto, que transcrevemos aqui, seja lido antes da apresentação.

“Não se deve deixar a pessoa sofrer o quanto quiser. Você tem que dar espaço para ela, “viver” aquela fase triste. Se você vê que as coisas estão piorando, convide ela para ir a um psiquiatra. Não force ela a nada, pois assim, as coisas vão piorar novamente. Depois disso, o profissional vai usar da melhor forma possível, sendo com orientação de coisas a se fazer, ou até mesmo receitar algum tipo de medicamento. Mais uma coisa eu falo, se aquela pessoa tem um hobby, alguma coisa que ela sente prazer

é muito em fazer, não para. Não deixe que a depressão tire a coisas que te dão mais prazer, como no meu caso, foi a sinuca e o piano. Tem que parecer mais que um convite, sabe? Mas sem forçar a pessoa, pois isto pode acabar piorando as coisas. Você não precisa seguir o padrão de normalidade que o mundo te exige. Você pode ser “anormal” e ao mesmo tempo agradar os outros.”

Emanuel expressa o que aprendeu para reduzir seu gozo e ir seguindo sua vida. Afirmando sua linguagem e isto pode agradar ao outro.

mrbotrel@gmail.com

suzanafaleirobarroso@gamil.com

-Ciaccia A. (2005) “A prática entre vários”, in ALTOÉ, S. (org.) *Psicanálise, Clínica e Instituição*, Rio de Janeiro, Rios Ambiciosos, p. 34-54.

-Laurent, E. (2007) “Autisme et psychose: poursuite d’un dialogue avec Robert e Rosine Lefort” in *La Cause Freudienne*, Paris, Navarim, Seiul, n.66, p. 105-118.

-Maleval, J.C. Por que a hipótese de uma estrutura autística? Opção Lacaniana online nova série, Ano 6, nº18, novembro de 2015. Disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_18/Por_que_a_hipotese_de_uma_estrutura_autistica.pdf> Acesso em: 15 ago. 2018.

La estrategia autista y la transferencia

María Rachel Botrel & Susana Faleiro Barroso

>>Psicóloga, Membro da EBP-MG

>>Psicóloga, Prof. Faculdade de Psicologia, Puc-Minas, Membro da EBP-MG

**traducción:
Iassana Scariot**

86

Traducido del portugués por Iassana Scariot

En sus testimonios, los autistas revelan cuánto no son partidarios de la soledad, aunque también demuestran cuánto carecen de los recursos para superarla. Lo que verificamos es que cualquier inserción del autista en el campo del Otro supone el recurso a la defensa autística, que estratégicamente, apunta a anular al Otro. Nuestra hipótesis es que la condición fundamental de transferencia del sujeto autista implica la permeabilidad de su borde defensivo. Es desde su base-cápsula-borde que el sujeto puede inventar y expandir sus conexiones con el Otro, sin que esto lo devaste.

Encontramos en el autismo las manifestaciones clínicas del uso del Uno, a saber, la retirada, la soledad profunda, la semejanza, la iteración, la voluntad suprema de la inmutabilidad. Antonio Di Ciaccia definió la especificidad del trabajo autista como diferente del trabajo psicótico: “el niño autista es alguien que trabaja para defenderse del Uno solo” (CIACCIA, 2005, p. 36). Al defenderse del goce, el autista se involucra en una doble operación de autodefensa y autoconstrucción. En la operación de autodefensa, el sujeto anula el Otro, ya que el significativo en este caso no sirve como un obstáculo para el exceso de goce, por el contrario, es un medio de goce. En la operación de autoconstrucción, el sujeto autista usa los signos para establecerse en la existencia.

Hay tres pilares interdependientes que fundamentan la estructura autística, a saber, la retención de los objetos pulsionales, la prevalencia del signo y la sistematización del goce a un borde. El borde autístico implica la singularidad de la defensa autística contra la angustia que el encuentro con el Otro no carente de goce despierta. La construcción de un borde permite circunscribir el goce. La transposición del borde implica una cesión del objeto, o sea, una cesión del excedente de goce capaz de desplazar el límite del borde autístico. Este desplazamiento se correlaciona con una inserción del sujeto en el campo del Otro. Según Maleval, “La mayoría de los autistas que están en condiciones de informar una salida subjetiva del retraimiento autístico, y no únicamente una adaptación social superficial, dan testimonio de una vía que atraviesa la complejización de su borde, lugar de sus afini-

dades, producidas por mutaciones o derivaciones, llegando incluso hasta su borrado” (MALEVAL, 2015, p.136). El borde autístico, también llamada *neoborde*, está compuesta por el objeto autístico, el doble y los islotes de competencia o intereses específicos.

El objeto autístico, como lo definió Laurent en su libro “La batalla del autismo” (2014), implica la acomodación de los restos, los remanentes, dejado por el encuentro con el Otro del lenguaje que viene a perturbar el cuerpo, independientemente del sustrato biológico del funcionamiento o disfunción de dicho cuerpo. El objeto es una cadena heterogénea, formada por cosas discontinuas (letras, partes del cuerpo, objetos tomados del mundo, etc.), organizada como un circuito, dotada de una topología de borde y articulada al cuerpo.

La mayoría de las personas autistas tienen un objeto del que a menudo no se separan. Puede ser parte del cuerpo del sujeto o parte del mundo exterior, pero en cualquier caso constituye apéndices del cuerpo. Sirve como apoyo alienante al compensar el problema del fracaso de la alienación del discurso del Otro. Los objetos autísticos son objetos que están fuera del cuerpo, pero que hacen borde con el cuerpo e implican el regreso del goce en ese borde. Son de la mayor importancia para el sujeto hacer, hacer factible, el montaje del cuerpo pulsional y en la apertura a la socialización. “El cuerpo del sujeto mantiene con él una relación de re-localización implacable, un intento de situarse, ya sea aferrándose a él o rechazándolo” (LAURENT, É., 2007, p.30). El objeto autístico asume una función decisiva para el sujeto, en la medida en que permite cierta regulación de la economía del goce a pesar de la no inscripción de la función fálica del goce. Según J. C. Maleval, la complejización del borde autístico depende de la posible articulación del objeto autístico con el Otro de síntesis y su participación en un islote de competencia. Todo esto se corrobora con el mantenimiento de la inmutabilidad asegurada por la relación del sujeto con los signos. El Otro de síntesis abierto se ancla en el lenguaje del Otro reducido a signos desconectados del goce, permitiendo una comunicación sin afectos y ofreciendo perspectivas para la socialización. Con su objeto bajo control, el autista captura el goce, pone en escena una protección del deseo del Otro y demues-

tra su estrategia de componer con la falta del Otro sin pasar por la fantasía neurótica, por el fetiche perverso o por el delirio psicótico.

El doble es un punto paradójico del tratamiento del goce por parte del autista. Si, por un lado, tiene una función estructuradora, aun con toda la precariedad de la dependencia que implica; por otro lado, la pérdida del doble casi siempre conduce a un cuerpo *laisser-tomber*. Sin el doble, el goce regresa en lo real del cuerpo del sujeto autista en la forma en que sucede con el esquizofrénico. El doble, como imagen real, viene en el lugar donde la falta en el Otro estaría presente y puede constituir un camino privilegiado para el vínculo con el otro. Asume una gran importancia en la estructura autística, ya que puede potenciar los avances y logros de los autistas desde el punto de vista de la comunicación, la educación y la socialización. El autista usa el doble para dejar su aislamiento hacia el entorno social, sin embargo, sin dejar su posición autista, porque conectado al doble se siente protegido de los intercambios con el Otro. Es el lugar otorgado al adulto o incluso al otro niño que está cerca, una especie de otro a mano. El autista puede amar a su doble como a sí mismo, porque con esto ordena su realidad, promueve una conexión libidinal con el cuerpo del otro, lo que le da un cuerpo. La lógica del doble está anclada en el significante solo, el significante en lo real.

Es necesario, por lo tanto, que se advierta al psicoanalista sobre la relación original del autista con el lenguaje, con los objetos y con el doble para recibir la posible transferencia en la clínica del autismo y orientarse en su manejo. La transferencia está asociada con las estrategias de la defensa autística contra lo real devastador. De esta manera, el analista como socio autista es parte de su defensa. Es un aliado de los autistas en su trabajo de defenderse a sí mismo del Uno-solo. Solo incluyéndose en la defensa autística, el analista puede promover un encuentro que no suscite en el autista una angustia abrumadora que, por el contrario, sostenga la evolución de su borde, dinamizando sus invenciones.

Esto es lo que demuestra el caso de Emanuel después de diez años de tratamiento psicoanalítico iniciado a los doce años de edad. “Mis padres no entienden mi idioma: hablan con el lenguaje y los

conceptos de los años 80. Para hablar conmigo necesitan llegar al siglo XXI. Pero ellos no llegarán, así que nunca podremos comunicarnos “. Situar estos dos idiomas, el suyo y el de sus padres, es un intento de organizar algo que se impuso violentamente a Emanuel y lo llevó, varias veces, a intentos de suicidio. Por mucho que este lugar trajera cierto apaciguamiento, produjo un mundo inaccesible al otro. Emanuel circunscribió los efectos en su cuerpo del encuentro con este lenguaje de los años 80, que al tener “conceptos rígidos” no dejó espacio para su estilo de vida, lo que lo convirtió en un “anormal”. En situaciones cotidianas en las que no podía entender lo que se decía o preguntaba, se dirigía al analista para ubicarlo en este espacio de intercambios, tan complejo para él. Desde la presencia del analista es posible una traducción que permita que este lenguaje se vuelva soportable. Está anclado en dos elementos de borde: el analista como traductor y dos objetos, que fueron elegidos en su infancia: el piano y el pool. Desde el uso singular del lenguaje por parte de Emanuel y la presencia del analista como un doble, puede traducir el lenguaje de la década de 1980 y ampliar el uso de sus objetos mediante la producción de algunos intercambios sociales.

Construye una táctica: “Defiende para después atacar”. Esta flexibilización del lenguaje “rígido” le permite ingresar al campeonato de pool y participar en algunas presentaciones de piano. Durante su presentación de piano, él tolera tocar una música que no estaba programada, a pedido del público. Dice que “fue una voz externa, corta, luego yo toqué”. El piano le permitió a esta presentación ubicar la voz como objeto. Un objeto externo, bajo, no era excesivo.

En diversas situaciones, se esfuerza por decirle al otro cuál es la cercanía soportable con él. En uno de estos intentos produce un texto. El piano le permite escuchar su voz de una manera nueva y luego solicita que su texto, que transcribimos aquí, se lea antes de la presentación.

“No debes dejar que la persona sufra tanto como quieras. Tienes que hacer espacio para ello, “vivir” esa triste fase. Si ve que las cosas están empeorando, invítela a ir a un psiquiatra. No la obligues a nada, porque bueno, las cosas volverán a empeorar.

Después de eso, el profesional lo usará de la mejor manera posible, guiándose por cosas que hacer, o incluso recetará algún tipo de medicamento. Una cosa más que digo, si esa persona tiene un pasatiempo, algo que ella siente que el placer es demasiado para hacer, no para. No deje que la depresión le quite cosas que le dan más placer, como en mi caso, fue el pool y el piano. Tiene que parecerse más a una invitación, ¿sabes? Pero sin forzar a la persona, porque esto puede terminar empeorando las cosas. No tienes que seguir el patrón normal que el mundo te exige. Puedes ser “anormal” y al mismo tiempo complacer a otros “.

Emanuel expresa lo que ha aprendido para reducir su goce y seguir su vida. Afirmando su lenguaje lo que puede complacer al otro.

mrbotrel@gmail.com
suzanafaleirobarroso@gamil.com

Bibliografía

-Ciaccia A. (2005) “A prática entre vários”, in ALTOÉ, S. (org.) *Psicanálise, Clínica e Instituição*, Rio de Janeiro, Rios Ambiciosos, p. 34-54.
-Laurent, É. (2007) “Autisme et psychose: poursuite d’un dialogue avec Robert e Rosine Lefort” in *La Cause Freudienne*, Paris, Navarim, Seiul, n.66, p. 105-118.
-Maleval, J.C. Por que a hipótese de uma estrutura autística? Opção Lacaniana online nova série, Ano 6, nº18, novembro de 2015. Disponível em: <http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_18/Por_que_a_hipotese_de_uma_estrutura_autistica.pdf> Acesso em: 15 ago. 2018.

Le réel d'une scène.

Christophe Le Pöec

90

Notes :

Parler de transfert dans le cas d'une pratique avec des sujets autistes n'est pas une évidence. L'usage de ce concept porte le risque de définir et de travailler avec le sujet autiste en s'orientant de concepts qui opèrent plutôt pour les sujets non-autistes. Les cliniciens qui rencontrent des sujets autistes reconnaissent à quel point il sont forcés de se défaire, d'oublier ou de repenser les concepts qui leur servaient jusque là à tracer une voie depuis la rencontre. Nous pourrions dire qu'actuellement saisir un transfert du sujet autiste pourrait se faire à partir de ce que nous avons pu repérer comme constituant ce qu'Eric Laurent appelle un « néo-bord ». « Transfert au double », « transfert à l'objet », « transfert au signe » ou à « la lettre de l'ilot de compétence » sont autant de formules produites et usées dans notre champ. Cependant, la clinique avec les sujets autistes me semble témoigner de quelque chose qui dépasse un peu ces formules en un point précis. S'il y a une particularité des sujets autistes qui s'est manifestée ces dernières années, c'est bien la propension, voire l'affinité pour certains, pour le témoignage. Ils témoignent de leur expérience et se mettent au travail de cela. Ne pourrait-on pas penser le transfert du sujet autiste comme partant de cet élan. Par exemple, Donna William qui s'intéressait aux listes de noms propres prend le téléphone pour annoncer à une personne inconnue qu'elle est le premier « A » de telle ville. Tel jeune qui passait des heures à jouer aux jeux vidéos me cherche dans l'institution chaque mardi pour me témoigner de son avancée et me demander où j'en suis arrivé. Dans la clinique, nous travaillons souvent avec les objets des autistes mais nous constatons que le travail nous amène souvent sur un terrain qui fait advenir une question plus vivante. Une question sur l'Autre, même si celui-ci n'est pas l'Autre saisi par le sujet du schéma optique. Pas à la place qui lui donne sa consistance, le sujet autiste est dans le réel. Son Autre est capricieux et rugissant mais il ne semble pas que cela ressorte du caprice de la psychose. L'autiste qui arrive en institution bien souvent ne regarde pas, ne mange pas, ne parle pas, ne va pas à la selle. C'est ce qui fait la grande difficulté sociale des enfants que nous rencontrons. Pourtant, ils sont inlassablement pris dans des circuits d'eau, de vidéos, d'objets qu'ils font cheminer des saladiers jusqu'à la cuvette des toilettes et c'est ce que nous appelons leur travail. C'est un travail de

la pulsion, et qui embraye selon moi ce que nous pourrions nommer transfert. Car une chose que je trouve surprenante c'est que dans la quasi totalité des cas, si une personne - et il peut parfois s'agir du clinicien, même si c'est le plus souvent les parents - si une personne se trouve à côté dans ce moment de travail, cela intéresse le sujet autiste autant que cela l'encombre.

Expérience

Léo est le quatrième enfant d'une famille nombreuse. Ses parents s'adressent d'abord au CMP de leur secteur car depuis son entrée à la maternelle, Léo les inquiète. Il grimpe sur les murs, les meubles, sans sembler avoir conscience du danger. Il s'agite, sort de la classe et sa place à l'école est mise en question. Depuis la naissance de sa soeur à ses trois ans, il est devenu très sélectif et rigide vis à vis de la nourriture. Ses parents lui donnent des biberons mais ne peuvent changer la tétine car il refuse alors de boire. Ils craignent qu'il ne se nourrisse pas assez. Il ne parle pas pour communiquer, babille de manière atypique, des sons très distordus où l'on reconnaît des mots qu'il tire souvent des dessins animés qu'il regarde avec insistance. Insécurisé par les mouvements du monde, il résiste à se laisser aller à l'endormissement. Pendant longtemps, il refuse d'aller dans sa chambre et dort sur le canapé, mettant en arrêt sur image le film de monstre et compagnie au moment précis où tous les personnages se trouvent présents à l'écran. À la maison, Léo se fait maître des mouvements d'intrusion et d'extraction des objets et des personnes de son monde. Il est particulièrement vigilant à ce que sa mère reste à la maison. Il garde souvent un oeil sur la fenêtre pour voir si la voiture est bien là. Lorsque sa mère part rentre en crise. « Je ne comprends pas son problème de séparation, me dit-elle un jour. Parce qu'il fait des crises quand je m'en vais mais lui peut partir sans problème pour aller chez vous. » Nous supposons alors que Léo se compte de manière singulière dans l'opération de séparation. Le vécu d'arrachement n'a lieu pour lui que lors du départ d'une personne où d'un objet dont il avait constitué son monde. En revanche, partir lui-même ne le sépare pas des objets qu'il laisse [2]. Dans le quotidien il se fait l'agent qui fait disparaître les objets dans les trous qu'il repère. Bouches d'égouts, trous des toilettes, fontaines.

À son arrivée au Courtil en semi-internat à l'âge de sept ans, après avoir été déscolarisé puis accueilli en hôpital de jour pendant trois ans, Léo se met d'emblée à son affaire de traduire l'espace selon sa propre couture. Il prend nos mains et nous fait ouvrir les portes qu'il rencontre. Nous ouvrons tous les placards et Léo va poser son regard au fond comme pour en éprouver les bords puis s'en désintéresse. Lorsque nous ne pouvons pas ouvrir une porte, c'est la crise. Il s'effondre, pleure, dit : « Non, mais qu'est ce qui se passe » avec une voix très distordue très difficile à comprendre. Il nous fonce dessus la tête la première ou contre les fenêtres en poussant des cris aiguës. Son père me donnera quelques clefs pour mieux entendre sa langue. Je repérerais ainsi qu'il répète énormément les phrases que l'on dit, en leur donnant un accent injonctif, ou des paroles extraites des dessins animés. Ses frères et soeurs, qui partagent avec lui un intérêt pour les films animés, peuvent reconnaître les séquences qu'il fredonne au quotidien et jouer des scènes avec lui.

Dès sa semaine d'admission, Léo choisit un livre de Monstre et Cie et nous montre les ciseaux nous amenant à ce que l'on découpe les pages du livre pour les scotcher sur les murs du centre d'accueil de jour. Les parents m'apprennent qu'il fait cela aussi à la maison. Il réalise au Courtil des scènes avec des personnages et les prend en photo. Lors des promenades, Léo s'arrête à chaque fontaine, chaque point d'eau et scrute le trajet des petits cailoux qu'il fait tomber dedans. Il colle son regard au plus près de l'eau jusqu'à y tomber tout entier. Prendre une photo de la fontaine ou du trou qui le saisit lui permet de se remettre en marche en explorant la photo du trou. Avec mon appareil il prend de nombreuses photos d'un trou dans lequel il fait souvent rentrer ses chaussettes.

Dans la suite de ce travail d'accueil nous avons cherché à inscrire Léo dans une école spécialisée. Ses deux premières années de scolarisation ont été difficiles. Léo fait de nombreuses crises. Nous lui aménageons un horaire allégé, sommes attentifs aux objets qu'il amène pour qu'il puisse s'en soutenir. Nous évitons les moments où le bruit est trop fort car il y est très sensible. Après deux ans de travail en semi internat. L'état de santé de sa ma-

man, qui était malade depuis quelques années, se détériore et la présence de Léo à la maison devient compliquée. Même si ce n'était pas leur souhait initial, les parents font une demande d'accueil en internat à laquelle nous répondons positivement. Ils témoignent de leur crainte qu'on ait l'impression qu'ils abandonnent leur enfant. Nous les rassurons sans détour sur ce point. J'ai beaucoup eu le père au téléphone dans les débuts de l'internat. Léo nous surprend par sa manière d'instaurer une immuabilité distincte de celle de la maison. Il reste restrictif sur la nourriture, par exemple, mais alors qu'à la maison il ne peut boire qu'une seule marque d'eau, à l'internat il boit même de l'eau du robinet. La première nuit, il veut d'abord s'installer collé au corps de l'intervenant pour dormir avant de s'endormir dans le canapé du hall, point d'où il peut voir l'entrée et donc les mouvements du bâtiment. La deuxième, il ira dans sa chambre après avoir collé des images de monstres et compagnie sur le mur. Le papa de Léo nous tiendra au courant semaines après semaines de l'état de santé de sa femme. Elle viendra le jour de l'inscription de Léo dans une nouvelle école qui nous apparaîtra plus adaptée. Même si Léo reste plutôt réfractaire jusqu'à ce jour aux apprentissages de type scolaires, préférant l'usage de l'ordinateur ou de ses affinités pour avancer vers un savoir. Le lendemain du décès de sa femme, le papa de Léo m'appelle pour me demander si l'on ne peut pas s'occuper de Léo le weekend, pendant l'enterrement à l'étranger. Lors de la discussion, il m'explique que toute la famille y va mais qu'il a des doutes sur les effets que pourrait avoir sur Léo un tel voyage. Nous en venons à envisager la possibilité que Léo parte également pour ce voyage et j'appuie cette perspective en disant que Léo comprend beaucoup de choses et qu'il pourrait être important qu'il soit avec ses frères et soeurs pour ce moment. Ils partent une semaine. Le sujet autiste nous amène souvent à faire des paris dans notre pratique, de s'engager vis à vis du discours qui l'entoure sans pouvoir mesurer directement les effets. Ils radicalisent en cela la singularité de l'expérience. Un an plus tard, Léo nous fera signe de l'effraction inédite et fugace de ce que nous pourrions nommer avec quelques précautions un « deuil ». Lors d'un séjour de vacances, un autre jeune qui dormait dans la même chambre que lui doit partir dans une ambulance. Au moment où l'ambulance s'en va, Léo s'effondre. Il hurle « ma-

man », retourne tous les coussins comme s'il cherchait à l'intérieur du lit, colle son regard au velux vers le ciel comme s'il voulait épouser les bord du monde. Il met sa tête dans le trou des toilettes et crie : « maman ». Cela dure une journée entière et il est décidé qu'il reparte. Dès qu'il quitte les lieux, il se calme. De retour à la maison, comme s'il ne s'était rien passé, il reprend ses habitudes.

Circuit d'un transfert

Prenant appui sur son affinité pour l'image et les dessins animés nous lui avons proposé un atelier « film d'animation ». Léo réalise des scènes avec les jouets mis à disposition. Les premières séances il refuse de se séparer des jouets à la fin et s'effondre. Les séances suivantes il rangera de lui même et traitera ainsi cette séparation en s'en faisant l'agent. Lorsque nous prenons des photos pour les animer, il prend volontiers la pause et est toujours présent quand il s'agit d'être photographié ou filmé. Il passe ensuite une partie de l'atelier à regarder les vidéos prises, à s'arrêter et repasser les moments où il apparaît. Sinon, il réalise des scènes avec des figurines de dessins animés. Ce sont souvent des scènes à plusieurs personnages qui semblent interagir. Un jour où nous avons fabriqué des pantins à partir de photos de jeunes et d'intervenants. Léo se saisit du pantin le représentant et celui à mon image, les faisant se prendre par la main et se promener dans la salle. Au bout d'un moment, nous nous apercevons qu'il met son personnage dans une petite boîte, pour le recouvrir entièrement de perles en plastiques, jusqu'à ce qu'il soit complètement caché. Puis il prend le pantin me représentant, et fait comme s'il portait la boîte contenant le pantin de Léo enseveli. Plus tard, alors qu'il semble ne plus s'intéresser aux pantins nous nous en saisissons pour les animer à partir de photos. Lorsqu'il s'en rend compte il proteste : « non attendez ». Nous insistons un peu car ce que nous voulons faire ne prend que trente secondes. Une fois qu'il a consenti à ce que l'on utilise les pantins, il refuse catégoriquement de jouer de nouveau avec. Comme s'il les avait sorti de son monde. En revanche, une fois qu'il n'a plus les pantins à la bonne place, il demeure nerveux. Il déambule en criant un peu et en sortant de la pièce. Il cherche à grimper très agité sur une rampe d'escalier et nous

le retenons. Nous l'entendons alors dire en se frappant l'oreille : « DESCEND ! DIS AU REVOIR ! DIS BONJOUR ! DIS MERCI ! Léo ! Léo ». Puis, il fonce la tête la première dans une grande boîte en plastique. Je décide de vider la boîte de ses jouets et propose à Léo de rentrer dedans, comme il le jouait dans la scène qu'il réalisait précédemment. Il s'y installe dans la précipitation et je ferme le couvercle. Je lui fais coucou à travers la boîte qui est transparente alors qu'il rit. Il y reste une minute ou deux puis en ressort tout calmé. Il se remet à son travail incessant de modelage de l'espace qui rend son quotidien respirable, voire joyeux.

Ces séquences de travail, me paraissent témoigner de ce qui pourrait s'apparenter à un transfert. Un transfert en circuit que le clinicien prend acte en y faisant place. Léo s'intéresse d'abord aux objets, mais ce sont des objets qui sont chargés d'une présence sous contrôle et qu'il semble mettre en scène. Introduire la photo de son corps le mobilise et l'intéresse. Introduire la photo de mon corps lui permet de jouer une scène de transfert qu'il maîtrise et organise. L'erreur que nous faisons en s'introduisant trop directement dans son organisation nous enseigne sur le sérieux de ce traitement du réel qui, s'il manque, produit la crise Le choix que nous faisons d'interpréter dans cet effondrement une tentative de retour à l'organisation en reconnaissant son geste désespérer de se jeter dans la caisse produit un effet heureux. Un retour à l'objet cette fois en s'appuyant sur mon corps et ma voix qui lui propose de rentrer dans la boîte. Il s'y soumet, un échange de regard peut alors se produire à travers les parois de la boîte translucide ce qui le fait rire, signe d'une jouissance supportable.

- [1] Une scène, dans le théâtre classique, se scande par l'entrée ou la sortie d'un protagoniste.
- [2] Eric Laurent nous indique, dans la bataille de l'autisme, que l'enfant autiste est toujours avec ses objets.

Bibliographie

Williams, D. *Si on me touche, je n'existe plus*.
Laurent, E. *La bataille de l'autisme*.

Lo real de una escena.

Christophe Le Pöec

traducción:
Pablo Dymant

94

Traducido del Francés por Pablo Dymant

Notas:

Hablar de transferencia en el caso de una práctica con sujetos autistas no es una evidencia. El uso de este concepto conlleva el riesgo de definir sujeto autista y de trabajar con él orientándose por conceptos que operan más bien para sujetos no-autistas. Los clínicos que reciben sujetos autistas reconocen hasta qué punto se ven forzados a desasirse, a olvidar, o a repensar los conceptos que hasta allí les sirvieron para trazar una vía a partir de ese encuentro. Podríamos decir que, actualmente, asir una transferencia del sujeto autista podría hacerse a partir de lo que hemos podido ubicar como constituyendo lo que Éric Laurent llama un “neo-borde”. “Transferencia al doble”, “transferencia al objeto”, “transferencia al signo”, o a “la letra del islote de competencia”, son algunas de tantas fórmulas producidas y utilizadas en nuestro campo. Sin embargo, la clínica con sujetos autistas parece testimoniar acerca de algo que excede estas fórmulas en un punto preciso. Si hay una particularidad de los sujetos autistas que se ha manifestado estos últimos años, se trata de la propensión, es decir, de la afinidad, para algunos, por el testimonio. Dan testimonio de su experiencia y se ponen a trabajar en ello. No podría pensarse en la transferencia del sujeto autista como partiendo de ese impulso?

Por ejemplo, Donna Williams, que se interesaba por las listas de nombres propios, toma el teléfono para anunciar a una persona desconocida que ella es la primera “A” de tal ciudad. Un joven que se pasaba horas jugando a los videojuegos me busca en la institución cada martes para contarme sobre sus avances y preguntarme hasta dónde he llegado yo. En la práctica clínica solemos trabajar con los objetos de los autistas, pero vemos que el trabajo nos lleva a menudo a un terreno que hace surgir una pregunta más viva. Una pregunta sobre el Otro, aunque éste no sea el Otro captado por el sujeto del esquema óptico, en el lugar que le da su consistencia; el sujeto autista está en lo real. Su Otro es caprichoso y rugiente, pero no parece que resulte del capricho de la psicosis. El autista que llega a una institución muy a menudo no mira, no come, no habla, no va al baño. Esta es la gran dificultad social de los niños que recibimos. Sin embargo,

son captados incansablemente en circuitos de agua, videos, objetos que hacen caminar desde los lavabos hasta el inodoro, y es esto lo que llamamos su trabajo. Se trata de un trabajo de la pulsión, y que en mi opinión embraga lo que podríamos llamar transferencia. Porque una cosa que me sorprende es que en casi todos los casos, si una persona - y a veces puede tratarse del clínico, incluso lo más a menudo de los padres - si una persona se encuentra al lado en este momento de trabajo, esto interesa al sujeto autista tanto como lo estorba.

Experiencia

Leo es el cuarto hijo de una familia numerosa. Sus padres se dirigen en un principio al CMP [Centro médico psicológico] de su sector porque desde su ingreso en el jardín de infantes Leo los preocupa. Se trepa a las paredes, a los muebles, sin que parezca tener conciencia del peligro. Se agita, sale de la clase, y su lugar en la escuela es cuestionado. Desde el nacimiento de su hermana, a sus tres años, se ha vuelto muy selectivo y rígido con la comida. Sus padres le dan biberones pero no pueden cambiar el chupete, ya que entonces se niega a beber. Temen que no se alimente lo suficiente. No habla para comunicar, balbucea de manera atípica sonidos muy distorsionados donde se reconocen palabras que a menudo toma de los dibujos animados que mira insistentemente. Inseguro por los movimientos del mundo, se resiste a dejarse llevar por el sueño. Durante mucho tiempo se niega a ir a su habitación y duerme en el sofá, pausando la imagen de la película *Monsters Inc* en el momento exacto en que todos los personajes se encuentran presentes en la pantalla. En casa, Leo se vuelve amo de los movimientos de intrusión y de extracción de los objetos y de las personas de su mundo. Está especialmente atento a que su madre permanezca en casa. A menudo vigila por la ventana para ver si el coche está allí. Cuando su madre se va, entra en crisis. “No comprendo su problema de separación, me dijo un día. Porque entra en crisis cuando me voy, pero en cambio él puede irse sin problemas de casa”. Suponemos entonces que Leo se considera de manera singular en la operación de separación. La vivencia de arrancamiento sólo tiene lugar para él con la partida de una persona o de un objeto del que ha hecho parte constitutiva de su mundo. En cambio, partir él mismo no lo separa de los objetos

que deja [2]. En lo cotidiano, se vuelve el agente que hace desaparecer los objetos en los agujeros que detecta: alcantarillas, inodoros, fuentes.

A su llegada a Le Courtil, en semi-internado, a la edad de siete años, después de haber sido retirado de la escuela y acogido en un hospital de día durante tres años, Leo se compromete de inmediato en su asunto de traducir el espacio según su propia costura. Toma nuestras manos y nos hace abrir las puertas que va encontrando. Abrimos todos los armarios y Leo deposita su mirada en el fondo, como experimentando los bordes para luego desinteresarse. Cuando no podemos abrir una puerta, adviene la crisis. Se derrumba, llora, dice: “No, pero qué pasa[?]” con una voz muy distorsionada, muy difícil de entender. “Precipitándose hacia nosotros o contra paredes y ventanas” gritando en forma aguda. Su padre me dará algunas pistas para escuchar mejor su lengua. Noto de este modo que repite enormemente frases que se le dicen o palabras extraídas de dibujos animados, dándoles un acento conminatorio. Sus hermanos y hermanas, que comparten con él este interés por las películas animadas, pueden reconocer las secuencias que tararea a diario e interpretar escenas con él.

Desde su semana de admisión, Leo elige un libro de *Monsters Inc* y nos enseña las tijeras, conduciendonos a cortar las páginas del libro para pegarlas en las paredes del centro. Los padres me enseñan que también hace esto en casa. En Le Courtil realiza escenas con los personajes y les toma fotos. Durante los paseos, Leo se detiene en cada fuente, en cada punto de agua, y explora el trayecto de las piedritas que hace caer dentro. Pega su mirada en el agua hasta que caen por completo. Tomar una foto de la fuente o del agujero que la sostiene le permite volver a caminar explorando la foto del agujero. Con mi cámara toma muchas fotos de un agujero en el que suele meter sus calcetines.

En la continuidad de este trabajo de acogida buscamos inscribir a Leo en una escuela especializada. Sus dos primeros años de escolarización fueron difíciles. Leo tuvo muchas crisis. Le ofrecemos un horario reducido, nos mantenemos atentos a los objetos que trae para que pueda apoyarse en ellos. Evitamos los momentos en los que el ruido es demasiado fuerte dado que es muy sensible. Después

de dos años de trabajo en semi-internado el estado de salud de su madre, que había estado enferma durante varios años, se deteriora, y la presencia de Leo en la casa se complica. Aunque no era su deseo inicial, los padres hacen una solicitud de internación a la que respondemos positivamente. Manifiestan su temor de que parezca que abandonan a su hijo. Los tranquilizamos sin rodeos sobre este punto. Hablé mucho por teléfono con el padre en los comienzos del internado. Leo nos sorprende por su forma de instaurar una inmutabilidad distinta a la de su casa. Sigue siendo restrictivo con la comida, por ejemplo, pero mientras que en casa no puede beber más que una única marca de agua, en el internado toma incluso el agua del grifo. Durante la primera noche, querrá ante todo instalarse pegado al cuerpo del interviniente, antes de adormecerse en el sofá del hall, punto desde el que puede ver la entrada y, por lo tanto, los movimientos del edificio.

Durante la segunda noche, irá a su habitación después de pegar imágenes de *Monsters Inc* en la pared. El papá de Leo nos mantendrá informados semanas después sobre el estado de salud de su esposa. Llegará el día de la inscripción de Leo en una nueva escuela que encontraremos más adecuada, aunque hasta el día de hoy permanece bastante refractario a los aprendizajes de tipo escolar, prefiriendo el uso de la computadora o de sus afinidades para avanzar hacia un saber.

El día después de la muerte de su esposa, el padre de Leo me llama para preguntarme si no podemos ocuparnos de Leo el fin de semana, durante el funeral en el extranjero. Al momento de la conversación, me explica que toda la familia va pero tiene dudas sobre los efectos que podría tener el viaje en Leo. Acabamos por considerar la posibilidad de que Leo realice este viaje de todos modos, y apoyo esta perspectiva diciendo que Leo entiende muchas cosas y que podría ser importante que estuviera con sus hermanos y hermanas en este momento. Se van una semana. El sujeto autista nos conduce a menudo a hacer apuestas en nuestra práctica, a comprometernos con respecto al discurso que lo rodea sin poder medir directamente los efectos. En esto radicalizan la singularidad de la experiencia.

Un año más tarde, Leo nos dará la señal de la irrupción sin precedentes y fugaz de lo que podemos lla-

mar, con algunas precauciones, un “duelo”. Durante un período de vacaciones, otro joven que dormía en la misma habitación debía partir en ambulancia. Cuando la ambulancia se va, Leo se derrumba; grita “mamá”, revuelve los almohadones como si buscara dentro de la cama, pega su mirada al ventiluz dirigiendola hacia el cielo, como si quisiera abrazar los bordes del mundo. Pone su cabeza en el agujero del inodoro y grita: “Mamá”. Esto dura un día entero y se decide que vuelva a partir. Tan pronto como abandona el lugar se calma. De nuevo en casa, como si no hubiera pasado nada, retoma sus hábitos.

Circuito de una transferencia

Tomando apoyo sobre su afinidad por la imagen y los dibujos animados le hemos propuesto un taller: “películas de animación”. Leo realiza escenas con los juguetes a disposición. Durante las primeras sesiones se niega a separarse de los juguetes al concluir y se desmorona. En las sesiones siguientes los ordenará por sí mismo y tratará esta separación como agente. Cuando tomamos fotografías para animarlas, posa con gusto y siempre está presente cuando de ser fotografiado o filmado se trata. Luego pasa una parte del taller viendo los vídeos tomados, deteniéndose y repasando los momentos en los que aparece. Cuando no, realiza escenas con figuritas de dibujos animados. A menudo son escenas con varios personajes que parecen interactuar. Un día en que fabricamos títeres a partir de fotos de chicos e intervinientes. Leo se apoderó del títere que lo representaba y de otro hecho a mi imagen, haciéndolos tomarse de la mano y pasear por la sala. Después de un tiempo, descubrimos que coloca a su personaje en una pequeña caja, cubriéndolo con perlas de plástico hasta quedar completamente escondido. Luego toma el muñeco que me representa y actúa como si llevara la caja que contiene el títere de Leo enterrado. Más tarde, cuando parece que ya no le interesan los títeres, nos servimos de ellos para animarlos a partir de fotografías. Cuando se da cuenta protesta: “no, esperen”. Insistimos un poco, ya que lo que queremos hacer toma sólo treinta segundos. Una vez que consiente a que se utilicen los títeres se niega categóricamente a volver a jugar con ellos. Como si los hubiera sacado de su mundo. No obstante, cuando los títeres no están en el lugar correcto se pone nervioso. Camina un poco,

grita un poco y sale de la habitación. Intenta treparse muy agitado por una escalera y lo detenemos. Entonces, golpeándose las orejas, lo escuchamos decir: “DESCIENDE! DÍ ADIÓS ! DÍ HOLA! DÍ GRACIAS! Leo! Leo!”. Luego, se mete de cabeza en una gran caja de plástico. Decido vaciar la caja de sus juguetes y le propongo entrar nuevamente, como lo hacía en la escena que realizaba con anterioridad. Se instala allí precipitadamente y cierro la tapa. Le hago un saludo a través de la caja que es transparente mientras se ríe. Permanece un minuto o dos y luego sale totalmente calmado. Regresa a su incesante trabajo de modelado del espacio que vuelve su vida cotidiana respirable, incluso alegre.

Estas secuencias de trabajo, me parece testimonian sobre lo que podría emparentarse a una transferencia. Una transferencia en circuito que el clínico toma en cuenta y a la que hace lugar. Leo se interesa primero por los objetos, pero son objetos cargados de una presencia bajo control que parece escenificar. Introducir la foto de su cuerpo lo moviliza y le interesa. Introducir la foto de mi cuerpo le permite interpretar una escena de transferencia que domina y organiza. El error que cometemos al introducirnos demasiado directamente en su organización nos enseña sobre la seriedad de este tratamiento de lo real, que si falta, produce la crisis. La elección que hacemos de interpretar en este desmoronamiento un intento de volver a la organización reconociendo su gesto desesperado de arrojarse en la caja produce un efecto feliz. Un retorno al objeto, esta vez apoyándose en mi cuerpo y mi voz, que le propone entrar de nuevo en la caja. Se somete a ella, un intercambio de miradas puede ocurrir a través de las paredes de la caja translúcida, lo que lo hace reír, signo de un goce soportable.

[1] Una escena, en el teatro clásico, es escandida por la entrada o la salida de un protagonista.

[2] Eric Laurent nos indica, en la batalla del autismo, que el niño autista siempre está con sus objetos.

Bibliografía

Williams, D. *Si on me touche, je n'existe plus*.
Laurent, E. *La bataille de l'autisme*.

Huespedes en lo

inhóspito Erick González

98

El Campo Magnético.

En el Ángel Exterminador [2] de Luis Buñuel tenemos a una serie de personajes, entre los que se encuentran artistas, médicos, profesores, vividores, que son invitados “extemporáneamente”, a cenar en casa de uno de ellos, justo al salir de la Ópera. La primera toma nos muestra el cartel: “Calle de la Concordia”. Hay algo raro en el ambiente, la servidumbre de la casa empieza a excusarse y marchar. Parece que operan bajo algún tipo de influencia, sin saber muy bien lo que hacen. Más allá de los elementos que irrumpen y hacen un corte en la realidad, lo que es más palpable es esa especie de “pre-sentimiento” [3] que envuelve todo el inicio. Buñuel hace del espectador a un sujeto en espera. Se trata de nuestra angustia.

Al principio de la historia se pone en juego la fascinación del mundo de la identificación horizontal. Los pares, contentos entre ellos, el entendimiento, la admiración mutua. Sin embargo, poco a poco lo que aparece, es una especie de disartria de este *corpus* lingüístico común. Los diferentes niveles, los vicios, las infidelidades, que incluso trastocan la estabilidad de la pareja anfitriona, comienzan a dejar ver la ruptura de esa ilusión de comunidad, incluso la diferencia radical. El anfitrión no se constituye como tal. Hay una cierta descreencia incluso en las formas habituales. Se habla de *improvisación*, y están contentos con ello. Sin embargo el retorno de esta especie de agujereado operado sobre las costumbres, toma la forma del sin-límite. No hay hora para acabar la fiesta, ni se invita a los presentes a pasar a las habitaciones. Comienzan, también como apresados por una especie de campo magnético, a extender sus cuerpos por el suelo del mismo salón en donde se ha llevado a cabo el festejo. Entonces descubren que no pueden salir. No pueden atravesar el umbral dibujado por un arco sin más obstáculo visible que los efectos de una imposibilidad que les deja atónitos, trastornados.

¿Qué podemos tomar de ese escenario tan raro que se va contorneando en la película de Buñuel, si no es un término con el que hago una serie y propongo un cierto cuestionamiento para nuestra práctica, y que es el de *la hospitalidad*? Y por otro lado, ¿qué es lo que detiene a esos sujetos, les hace pasar de huéspedes a rehenes, si no es un cierto modo de tratamiento de la atmósfera, una configuración específica, así sea con el nombre de *improvisación*, de lo que desde el psicoanálisis llamamos el Otro?

Estos sujetos ya no piden un anfitrión clásico, es cierto. Eso les arruinaría la fiesta. Pero el borramiento completo de la función reguladora del anfitrión -podemos forzar esta conclusión- deriva en esta transformación del manto de hierro de los ideales, en un campo magnético de concentración.

La segregación y el tratamiento del Otro.

Voy a poner las cosas sobre la mesa, para no hacer de esto un relato de *suspense*. Todo discurso, toda modalidad de vínculo social segrega en él algún elemento. La barra de la imposibilidad entre el lugar de la verdad y el del producto del discurso lo señala [4]. Si nos ofrecemos a la invención de un conjunto de dispositivos que se orientan por el discurso psicoanalítico, padecemos de estar advertidos -y es posible transformar en ese agujero al padecer en alegría [5]- de que al poner en funcionamiento esa maquinaria, algo del sujeto pretendemos atrapar. Entonces, con esta alegre advertencia, ¿cómo se juega nuestra partida en la ética, sobre lo que acogemos, y decimos que sí, y sobre lo que rechazamos, y decimos que no?

Como en esa película, me ha atrapado a mí particularmente, la preocupación sobre una evidencia que aparece casi de entrada en nuestras propuestas, y es la de configurar espacios en los que los sujetos puedan tener un lugar, para desplegar su funcionamiento extraño. Por lo tanto eso nos hace amigos, colaboradores, de una cierta posición discrepante del lado de esos sujetos, en relación al discurso del amo. Entonces nos ubicamos en un cierto reverso, y es lo que llamamos el tratamiento del Otro y no del sujeto. Queremos -por la vía de una amarga sutileza autoimpuesta- entrar en su mundo, no que ellos entren en el nuestro. Sin embargo, ¿cómo llevar a cabo ese tratamiento del Otro sin caer en la ilusión de que todos somos iguales, ni vernos confrontados a un infierno detrás de una columna de aire pesado que no nos deje atravesar los umbrales, en los que justamente se produce lo más singular de cada uno: las variopintas maneras de entrar y salir?

Esta cuestión nos plantea el problema de la transferencia en la clínica posible con sujetos que se encuentran en una posición de radical rechazo del Otro. El tratamiento del Otro prescrito por la práctica entre varios no implica un “sin los padres”, o un cinismo con respecto a las formas de la tradición, y es en este punto que la operación del alojamiento

de lo singular del sujeto se vuelve más complicado.

Partnership en un Taller de-tallar.

Cuando nos pusimos al trabajo de pensar un espacio de encuentro con adolescentes, varias referencias nos envolvieron. Una de ellas era sobre lo que dice Lacan en el homenaje rendido a Lewis Carroll: el psicoanalista ha de buscar con el niño una “puerta de su talla” [6], y no refiriéndose a su tamaño, sino a una puerta que él mismo se talla. Pero en el mismo tallado que hacíamos del espacio de encuentro para adolescentes llamado *En(llaç)* [7], encontramos que por fuera del mundo del *Minecraft* de un *youtuber*, de *Mortadelo y Filemón* de una especialista en cómics, de la producción de cortometrajes en *Stop-motion* de otros chicos, quedaban un par de jóvenes a la espera, cuyos modos de funcionamiento no eran compatibles con estos otros. Tenían otras herramientas para tallar, e inventamos lo que llamamos *En(llaç) en moviment*.

Axel era uno de ellos. Un joven de 16 años, que a los 4 había pasado de hablar ecolólicamente al silencio más radical, cuando murió Kitsch la perrita de la casa, según nos cuentan los padres en la visita que hicimos en su domicilio. Pasados unos 5 años de silencio traen a casa una nueva perra: Tasch, y Axel vuelve a decir algo cuando la ve: “Kitsch” —el nombre de la primera perra, para replegarse completamente de la palabra hablada. Nos descubren, en esa entrevista, que le gusta ver o escuchar películas como la Dama y el Vagabundo, Todd y Toby, o los 101 dálmatas.

El primer día del taller tomó relevancia el signifiante que habíamos pensado para este espacio: *Moviment*. El padre trae a Axel, le lleva a nuestro encuentro y se despide. Pasan unos segundos y Axel sale, camina rápidamente cuesta abajo por una de las empinadas calles del barrio en el que nos encontramos, siguiendo la estela dejada por el coche del padre. Voy detrás de él sin poder detenerle. No lo intento demasiado, es verdad. Entonces le ofrezco ver en mi móvil “La dama y el vagabundo”. Y después de un circuito alrededor del edificio —quiero decir alrededor del parque, de unas cuantas manzanas, la ida y vuelta de otro de los intervinientes, y unos treinta minutos- puede entrar. ¿Qué significa entrar? ¿A dónde entra? ¿Por qué tiene que entrar?

En los siguientes encuentros Axel establece una condición: estar allí, a cambio de sustraer mi mó-

vil, usufructuar mi batería, hacer desaparecer para siempre mis megas. Es cierto que esa división que produce en mí, y en el resto de intervinientes que se preocupan por la supervivencia de mi dispositivo personal de hiperconexión, se puede entender como una operación de extracción, que poco a poco le va permitiendo a Axel entrar con más soltura, estar con menos agitación, salir por decisión propia. También es cierto que lo que se va reeditando cada vez, es algo que leemos después como la instauración de una cierta transferencia, por así decir. Y también de una transferencia literal, de datos. Comenzamos a pensar en este sentido, y a fragmentar esa especie de captura, para destituir de alguna manera esa relación unívoca para poder pluralizarla, estirla, redoblarla, en el entre varios. Entonces una de las intervinientes empieza a verse llevada por la música repetida interminablemente por Axel, de los créditos de la dama y el vagabundo. Y bailar. Otro dibuja algunas escenas de la película. Otro dispone en uno de los ordenadores, tras su llegada, una nueva película sobre perros, que se deja allí casi de fondo, como un ruido blanco. A la par de todo eso, y de la circulación de nuestra colaboración por el trabajo, que van haciendo los otros chicos, tomamos muy en serio la hora de la merienda. Salir al súper a comprar lo que falte. Hacernos café. Poner también canciones que nos gusten. A partir del gusto, tratar la extrañeza que genera la fijeza decidida de repetir mil veces el mismo fragmento de video. De la posible hostilidad a la “hospitalidad”.

Yo creo que Axel, quien ahora ya no me sustrae el móvil, entre otras cosas a lo que se dedica es a convertirme en anfitrión, al mismo tiempo que nosotros nos hacemos huéspedes en un lugar que de entrada parece inhóspito, y del que él parece no querer o no poder salir. Eso no lo sabemos.

En un taller reciente, se instaló otro movimiento. “Dentro de diez minutos iremos algunos al súper, a comprar algo para la merienda”, como siempre anunciamos. En el tiempo previsto para salir, una contingencia con otro de los chicos en el patio, nos distrae. Axel se pone la chaqueta, sale hasta el umbral que lleva a la calle, haciéndonos cumplir con la salida anunciada. Parece una simpleza, pero no es cualquier cosa, eso de ir y volver. Se ve claro en la película de Buñuel.

El vacío y la angustia.

El vacío es una forma de tratamiento del Otro que toma tiempo de producir.

En el caso de Axel se puede ver claramente que la inauguración de nuestro encuentro no pudo ser posible sin el conocimiento de su interés por *La Dama y el Vagabundo* y otras películas. La orientación aquí para nosotros fue la de trabajar con la hipótesis de que había algo allí que tenía que ver con la lengua privada del chico. Y que nuestros esfuerzos tendrían que apuntar a sumergirnos en esa lengua.

Antes de iniciar ese primer encuentro, en el momento de recibir a Axel y a su padre, este último se dirigió a mí, pidiéndome que hiciese fotos durante el encuentro: las piden en la escuela para hacer un recuento de lo hecho durante el fin de semana. No es casual que este chico me haya sustraído el móvil con el que pretendía responder a la demanda del padre, y por ende de la tutora.

Después del primer encuentro como coordinador del espacio tuve una corta conversación con el padre de Axel. Le comenté lo que había ocurrido al principio. Le pregunté por su tablet, objeto del que en aquel momento el sujeto hacía un uso continuo, y el padre respondió que estaba en el coche, que no se la había dejado para que hiciera otras cosas. Se puede leer ahí un sutil trazo del imperativo, que por la vía de este padre nos es transmitido sutilmente, de la manera en que hemos aprendido en nuestro propio análisis en que operan ciertas sutilezas, que no se pueden explicar ni tan siquiera como los designios de una maldad, pero que no dejan de incidir como un empuje a gobernar al otro. Se trata simplemente de la encarnación del discurso imperante, en este caso algo con tintes de lo cognitivista. Le respondí al padre que la siguiente vez, Axel podría venir con su tablet -tal vez yo secretamente pensaba que así recuperaría mi móvil-.

El vacío también lo podemos proponer como la operación de suposición de un sujeto allí, donde todo puede apuntar a un puro lugar congelado de la cadena significativa.

Previamente al iniciar este espacio, esta segunda versión de *En(llaç)*, también tuve un encuentro con la psicoanalista que forma parte del equipo clínico y la tutora, en la institución en la que está escolarizado Axel. Allí me explican el trabajo que han venido haciendo con él. El problema con el que se encontraban desde hace dos o tres años, coinci-

diendo con la mudanza de la escuela a otro edificio y con el nacimiento de su hermana, es que Axel se dedicaba a recoger todos los libros y todos los documentos que había en el edificio, para apilarlos y mantenerlos muy cerca de él. Esto evidentemente le impedía moverse, por lo que le era muy difícil entrar y salir de los espacios. Me explican que la operación que han ido haciendo es la de proponerle separar algunos libros de la pila, ponerlos en cajas diferenciadas, y permitirle llevar consigo sólo algunos.

Nada de esto lo vimos suceder en *En(llaç)* a la entrada. El circuito se cerraba en la pantalla del móvil. Sin embargo, en el intermedio veraniego, que implicó parte del mes de julio y agosto, Axel vino con TEAdir a las colonias de verano, un dispositivo ampliado, con mayor número de chicos, y que tanto para él como para su familia contaba como la primera vez en que dormiría fuera de casa sin sus padres. Sin otras referencias más que la de algunos intervinientes que conocía y mi presencia, respondió ante su desbordante angustia haciendo acopio de casi toda la ropa que encontraba, formando con ella una pirámide sobre su propia maleta. El caos que esto generó, en un espacio que al inicio habíamos concebido como de circulación abierta, se detuvo al cerrar todas las habitaciones con llave salvo aquella en la que él se encontraba y de la que no quería salir. Después de un acompañamiento decidido, que se pluralizaba entre los diferentes intervinientes y momentos en que leíamos que convenía dejarle solo, y con la condición de encontrarse el acceso a la ropa de los otros bloqueado, Axel pudo comenzar a circular por la casa: bajar a comer, ir a la piscina.

Un día en el que se dio una larga sobremesa, la tablet de Axel sirvió de punto de encuentro para cuatro de los chicos, entre ellos él, que miraban atentos al dibujo animado de los tres cerditos y el lobo. Yo estaba allí con ellos y se me ocurrió hacer una foto de la tablet. En la noche Axel había impuesto la condición de que solo se iría a dormir si tenía mi móvil. El día siguiente a media mañana advierto que hay una serie de notificaciones en mi facebook. Lo abro, y se trata de los “me gusta” a una foto precedida por la letra “Y”: El lobo de los tres cerditos convocando al silencio con el clásico gesto del dedo delante de los labios. Otra indicación transferencial para nosotros. “Y Shhh”. Algo de esto podía estar referido a la dimensión sono-

ra, pero tal vez apuntaba a otra cosa, quizá más en la línea del *Entonces Shh* de Jacques-Alain Miller [8], en relación al sentido.

Lo que quiero remarcar en este punto es que la operación en relación al encadenamiento del relato sobre este sujeto versus el congelamiento de la cadena significativa parecía abrir un mundo en el que al mismo tiempo se podía alojar algo nuevo, pero no sin efectos de angustia desbordante.

Dar la falta.

Al inicio de un nuevo año escolar –pasado el verano- en coordinación con su Escuela nos comentan que Axel vomita compulsivamente. Todo lo que come lo vomita. Durante las colonias algo de esto se puso en juego. Específicamente en el momento de darle la medicación, cuando al apenas tomarla aparecía el rechazo en forma de náuseas, que sin embargo no llegaban al vómito.

Nos preguntamos en reunión de equipo, ¿Qué es lo que hacemos cuando introducimos en la boca de Axel un tubo y dispensamos un líquido? ¿Desde qué lugar viene eso? La propuesta de mostrarle la medicación, ofrecer la espera, hasta que Axel consintiera, tomando él mismo el tubo y llevándolo a su boca, formó parte de una posibilidad de tratamiento de ese rechazo.

En ese momento, el comer se constituyó en el tercer elemento de lo que Axel despliega en En(laç). Ver-escuchar películas de dibujos animados sobre perros, entrar al lavabo, abrir el grifo y hacer una fuente con sus manos con una inmensa habilidad, y salir al supermercado, escoger siempre las mismas patatas, volver y comer hasta que no quede nada, sin vomitar.

Semblante de anfitrión.

Intuyo que el relato que he ido desplegando apunta a cómo la operación deseante en relación a ser tomado por *lalangue* del sujeto llamado autista, reincide en esa transformación con la que he intentado organizar este texto. Ese pasaje de la hostilidad a la hospitalidad. Con el circuito de ir a hablar sobre el sujeto Axel en su casa, en su escuela, entre varios dispositivos, se ha permitido tejer un entramado que apostamos, produce una posibilidad de acogida del sujeto. Un refugio al menos, en En(laç).

Sin embargo, hemos visto cómo es necesario además de eso, que se produzca una especie de vaciamiento en el lugar en el que se dispone ese refugio.

Y ese vaciamiento me parece que es posible convirtiendo a cada sujeto en anfitrión de un espacio en el que este pueda alojarnos. En una conferencia en Madrid Bernard Seynhaeve señala una inversión lógica que nos concierne en relación al discurso:

“La función de director de la institución lleva, a quien consiente en serlo, a inscribirse en el discurso del amo. Hay que consentir en inscribirse en este discurso, pero a condición de saber que es de semblante. El discurso del amo es el envés del discurso analítico. Pero ¿en qué condiciones? Como respuesta a esta interrogación, propongo la fórmula de Éric Laurent: “En *Courtil*, ustedes son analizantes civilizados”. Analizante civilizado es una manera de definir lo que sería la posición de todos los que intervienen en una institución como *Courtil*, que propone este estilo original que Lacan definió como “psicoanálisis aplicado a la terapéutica”, y que Jacques-Alain Miller denomina práctica entre varios. En tanto analizante civilizado, ejerzo la función de semblante del S1”.

Y más adelante, hablando de la posible incompatibilidad entre una posición analítica *per se*, y el trabajo en institución, dice lo siguiente: “No veo oposición en ello. Ya no vivo en esa paradoja a la que me referí anteriormente, en la medida en que tomo este semblante. Tomo ese semblante y me lo tomo en serio”[9].

Leemos que toma ese semblante, el de hacerse con el anfitriónazgo, sin renunciar a constituir ahí un lugar mordido por su propia experiencia analizante, es decir, recordar que se verá llevado a olvidar continuamente, que el anfitriónazgo –pensado siguiendo la lógica de Seynhaeve- es una operación ejercida por uno que está dividido, y que no deja él mismo de ser un huésped.

Adenda: Eso fracasa

He querido desplegar el recorrido de Axel desde su entrada, para llevarles al cierre en este texto por la vía de un contrapunto. La compulsión al vómito tardó en llegar a nuestros dispositivos, pero llegó. Se trataba de una práctica verdaderamente angustiante para quienes le rodeaban. Si nuestra orientación apuntaba a hacer algo con lo inhóspito en el sujeto, de alguna manera leímos como necesario esta inclusión del síntoma en el funcionamiento del taller, claramente sin apuntar a quererlo producir. En el tiempo de comprender que se enmarcaba bajo la pregunta de “Cómo insertarnos en el síntoma

del sujeto”, se produjo la interrupción de nuestro trabajo con él. No fue posible en ese lapso, en esa ventana temporal hacer el tratamiento del Otro. Fuimos sordos a lo que sucedía en el umbral de la institución, la talla de la puerta contenía las trazas inventivas de Axel, eso estaba en curso, sin embargo afuera, como en la película de Buñuel quedaban los padres mirando el cartel de “Calle de la concordia” [10] sin saber lo que pasaba dentro.

Notas

[1] Erick González es psicólogo, socio de la sede de Barcelona de la ELP, co-responsable del Grupo de investigación sobre psicosis y autismo y del Taller de estudios sobre práctica entre varios de la Sección Clínica de Barcelona, entre los años 2013-2018, Coordinador de varios dispositivos de la Associació TEAdir. La Associació TEAdir está conformada por familiares y amigos de personas con dificultades en el vínculo con los otros, y al mismo tiempo bajo este paraguas legal se crean y sostienen dispositivos de uso del tiempo libre, insertados en la vida cotidiana de los sujetos, con una orientación psicoanalítica, específicamente una modalidad transferencial que Jacques-Alain Miller propuso a Antonio Di Ciaccia llamar: práctica entre varios (*pratique à plusieurs*).

[2] *El ángel exterminador*. Dir. Luis Buñuel. Producciones Gustavo Alatríste, 1962. Fílmico.

[3] Alusión a un pasaje sobre lo *Unheimlich*, el huésped, la angustia y el presentimiento en: Lacan, Jacques. *El seminario, libro 10, la angustia*. Paidós, Buenos Aires, 2006, pp. 86-87.

[4] Lacan, J. *El Seminario, libro 11, El reverso del psicoanálisis*. Paidós, Buenos Aires, 2017.

[5] “¿Qué alegría encontramos en eso que constituye nuestro trabajo?”. Lacan, Jacques. “Alocución sobre las psicosis del niño. *Otros escritos*. Paidós, Buenos Aires, 2012, p. 389.

[6] Lacan, Jacques. “Homenaje a Lewis Carroll”. *Radio Lacan*. Radiofónico (Disponible en internet).

[7] NdA: En catalán Enlace. En la escritura con paréntesis se convierte en En(lazo) y puede resonar con Un(lazo)

[8] Seynhaeve, Bernard. “El padre del cual uno se sirve”. *La práctica lacaniana en instituciones*. Grama, Buenos Aires, 2014, pp. 158-159.

[9] Seynhaeve, Bernard. “Conversación con Bernard Seynhaeve”. *La práctica lacaniana en institu-*

ciones. Op. Cit., p. 180.

[10] Concordia: De común acuerdo y consentimiento entre dos o más individuos o entidades. También puede referirse a un pacto en un litigio o disputa. *Diccionario de la RAE*. (Disponible en internet).